

UM LEGÍTIMO LOBISOMEM

O estudioso dos Valores Sociais e dos Costumes não é um maldizente, tampouco libertino. Narra o que viu, ouviu, pesquisou e anotou, nada mais. Não se trata de coisar, não é por aí. Não se imagina, mas observa-se.

A transmissão oral, expurgada pelo bom senso, é tão válida como uma cópia de certidão cartorial.

O professor de História é um contador de lorotas que lecionando as leva a sério, embora o lado cômico exista. O trágico é cômico e a safadeza ainda mais.

Quem viveu em Italiápolis na primeira metade do Século passado conheceu um bom amigo, o '37'. Foi um Guarda Noturno que se popularizou e ficou conhecido pelo apelido, o seu número dos tempos de farda. Ninguém o conhecia pelo nome, era o '37', o Guarda Noturno.

Para uma cidade pequena e 'pacata', guarda noturno já era luxo. O homem foi um magricela cheio de casos verídicos, porém extremamente discreto.

Caminhava meio torto em virtude do peso de seu revolver e pelas ruas, sem bulha, escondia-se nos cantos

das esquinas, olho vivo a qualquer acender de luz ou vulto mirabolante.

Este dropes do guarda, envolvendo um político de projeção, não poderia ficar fora, pois não conseguimos esquecê-lo, nem o '37' e tampouco o lobisomem.

Ouvimos essa do '37' numa roda de amigos metidos a boêmios, na esquina da Av. Francisco Porto com a Rua Rodrigues Alves. A narrativa do guarda, anos mais tarde, foi confirmada pelo próprio 'lobisomem'.

Em Italiópolis se trabalhou muito durante a noite e nessa esquina, por exemplo, comia-se poeira das máquinas de beneficiar café, bebia-se uma cachaça enrustida, a "Rainha", do alambique do Sr. Paulo Eloy, bebida fina do artesão Faria, criatura que entendia do riscado. Falava-se da vida alheia a pratos cheios.

Italiópolis não poderia ser diferente e por aqui, como ainda hoje, quem manda na cidade é o Juiz, o Padre e o Prefeito, os Três Poderes Municipais. O Guarda, o '37', foi testemunha ocular de um bom caso envolvendo um deles.

O sacana, dizia o guarda, saiu da casa da 'fulana' por volta das 11 horas. A noite era um breu e o bicho andava esquisito, meio homem meio lobo, esfregando-se pelos muros como que se escondendo.

Essa de lobisomem andando pela Rua Ruy Barbosa já estava dando o que falar, zumbindo varejeira pela cidade, metendo medo. Nas barbearias, aonde se lavava roupa suja dos outros, foi assunto muito discutido, prosseguia narrando o nosso '37'.

Naquela Sexta-feira, pelo sim pelo não passei vela benta nas balas do meu revolver.

Tudo arrumado, saio de casa por volta das 10 horas. Rezo um 'esconjuro' e vou descendo por trás da máquina de beneficiar café do Salim, e dei sorte.

Apressei o passo, a assombração parou! Aí eu gritei, pare senão ti atiro. O bicho veio pro meu lado virando gente, um caboclo 'moreirão', vinha que vinha pelo escuro mandando eu calar a boca.

A falação do '37' parou em sinal de respeito; uma família, pai, mãe e duas filhas passavam e dada à hora, possivelmente, vindo de algum velório. Cada família velava o seu defunto, na própria casa, como Deus permitia.

E aí o '37' voltou a falar --- o filho da puta do lobisomem, com o dedo no meu nariz, dando ordem! Meti o revolver nele! Aí ele se arrepiou ...

--- Hei amigo, sou eu, calma, foi só uma 'fugidinha'. A minha mulher não pode saber, ninguém pode saber, sou "Autoridade" e a 'fulana' é amiga e o marido, ainda mais!

--- Mas o senhor?! Logo o senhor, puta que pariu, quase ti dou um tiro ...

--- Ô '37', ainda bem que é você, nosso companheiro de Partido. Amanhã mesmo vou mandar limpar a sua rua, o seu terreno lá na saída do Quadro, e mais, vou dar ordens para limpar o túmulo de seu finado pai. Ota homem bom! Que Deus o tenha.

--- Obrigado, Seu Prefeito, mas me avise quando o 'lobisomem' for 'comer' com a dona 'fulana'. Assim vigio melhor esse canto. E caso o marido apareça, 'prendo ele' por desrespeito.

Gravei bem o que disse o '37', o popular Guarda Noturno de Italiápolis, naquele fim de conversa --- o Sô Prefeito, ota homem de palavra, por três anos o túmulo do meu pai brilhou naquele cemitério!

Na minha 'inocente' adolescência fiquei pensando, relembrando os filmes desses 'homens encantados' do Cinema do Polachini; pensando e imaginando como poderia ser... Como uma pessoa de bem pode virar um 'cachorrão'! É certo que a Dona Fulana era de encher os olhos!

O lobisomem ataca e mata, estraçalha, vá lá, mas 'comer' a mulher dos outros nunca ouvira falar.

Há um 'porém', porém! O Senhor Prefeito era um 'Legítimo', uma Autoridade. Legítimo é legítimo, não se discutia ... Ele podia 'comer' o que quisesse!